

O nome da rosa: Análise dos embates filosóficos



<https://doi.org/10.56238/chaandieducasc-026>

Cristiano Dias da Silva

Mestre em Filosofia, Doutorando da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte UERN – Pau dos Ferros-RN. Professor do Instituto federal do Sertão pernambucano – Campus Ouricuri. Estrada do Tamboril, S/N – Ouricuri-PE – Brasil.

E-mail: cristiano.dias@ifsertao-pe.edu.br

RESUMO

Este artigo discute como a filosofia é representada na obra *O Nome da Rosa* de Umberto Eco. Analisar, portanto, o texto literário encontrando as filosofias medievais que estão nos discursos dos personagens, explicitando como tais filosofias relacionam-se com teorias fora do ambiente do medievo. Foi pesquisado o texto do início da obra referente à chegada na abadia e o episódio do cavalo Brunello,

através do estudo crítico da literatura comparada. A análise do texto demonstrou referências à semiótica de Charles Peirce; ao nominalismo de Guilherme Ockham; e a Buridano em relação à teoria da enciclopédia mundi. Permitiu ainda encontrar a analogia do mundo como um livro ou espelho, referindo-se a Alan das Ilhas; as ligações com a nova ciência de Roger Bacon, os embates entre realismo e nominalismo, por fim, a referência à teoria da causalidade aristotélica. O resultado mostra que o texto literário surge como ferramenta para o estudo de filosofia: primeiro como um texto que revela outros textos filosóficos; segundo como instrumento didático que, através da verossimilitude, torna mais acessível o mundo da filosofia.

Palavras-chave: Literatura, Filosofia, Semiótica, Nominalismo, Pós-modernidade.

1 INTRODUÇÃO

O que você sabe sobre a filosofia da obra *O nome da rosa* de Umberto Eco? Literatura de múltiplos gêneros, a obra chega ao quadragésimo aniversário de sua publicação como best-seller mundial de grande sucesso de vendas e traduzido para diversas línguas. O livro não é apenas um sucesso editorial e recriação televisiva em filme e este ano (2020) uma série, mas é também uma das obras literárias mais estudadas da pós-modernidade. Para muitos autores como Bausi (2011), por exemplo, a bibliografia acumulada em todo o mundo sobre *O nome da rosa* é imponente e o livro já foi indagado em diversos aspectos: as relações com a estética pós-moderna, as fontes e modelos, as implicações teóricas e semiológicas, as ligações com a atualidade. Apesar de ser uma obra analisada em todos esses aspectos, percebe-se a necessidade de conhecimentos mais profundos sobre as fontes filosóficas do texto, isto é, as raízes da filosofia que estão no intertexto. É exatamente esta a função desta pesquisa. Hoje, após quarenta anos, a obra continua impactando intelectuais de diversas áreas e os frutos desses estudos têm contribuído para a compreensão da amplitude do texto literário e suas ramificações com outras áreas. Nesse sentido, este estudo ocupa-se de encontrar as filosofias, ou ideias filosóficas medievais, relacionando com ideias de outros períodos da filosofia. Devido à amplitude da



obra, escolhemos como texto para análise a passagem que trata da chegada à abadia e a fuga do cavalo Brunello, logo no início da obra.

Ao analisar o texto, esta pesquisa se embate em primeiro lugar com a postura filosófica do seu personagem principal, Guilherme de Baskerville, que age e discursa, na maioria das vezes, referenciando filósofos do ambiente medieval e de outros séculos. É natural que o autor também infira nos diálogos filosóficos, ideias de filosofias de outras épocas como a modernidade e a contemporaneidade, por isso, o confronto entre o medieval filosófico e a pós-modernidade é uma constante neste trabalho. Esta pesquisa vem, portanto, preencher esse espaço ainda em aberto de encontrar e debater as filosofias presentes na obra. O percurso de análise criado na pesquisa do texto elucidou dois aspectos, um formal e um outro prático. O formal é a habilidade na análise do texto literário imbuído de verossimilitude e as possíveis ideias filosóficas por trás do texto. O prático se refere ao uso didático-pedagógico do texto literário no ensino da filosofia. Como Umberto Eco torna acessível aos leitores a filosofia medieval? Sabemos que a filosofia em geral e a medieval em particular não são de fácil acesso para os estudantes de filosofia, e apresentam desafios até mesmo para professores mais experientes. Portanto, este artigo almeja mostrar a versatilidade do texto literário como elemento privilegiado no ensino da filosofia.

Apesar da riqueza da obra, devido ao curto espaço deste trabalho, analisaremos apenas um enxerto fazendo uma análise e encontrando a relação do texto com outros filósofos. No primeiro momento, veremos a relação da obra com a filosofia em geral. Depois, analisando o texto, encontramos a atitude filosófica do personagem frei Guilherme relacionando com a semiótica de Charles Peirce. Esse jogo de interpretar sinais esboça a teoria da interpretação que predomina e que, portanto, torna-se a visão de mundo de uma época. Em seguida, encontramos referências ao nominalismo de Guilherme de Ockham em confronto direto com os realistas aristotélicos que defendiam a existência dos universais. Esse embate consolidou a linguagem das ciências empíricas então nascentes, abrindo caminho para as sucessivas revoluções científicas. Depois disso, percebemos que o personagem usa a técnica de interpretar o mundo como uma enciclopédia, referindo-se a Buridano. O texto revela ainda a interpretação do mundo como um livro, ou um espelho, ou um motor imóvel aristotélico em referência a Alan das Ilhas. A interpretação do mundo como espelho coloca em confronto a teoria dos espelhos de Umberto Eco e Jorge Luiz Borges, mostrando encontros e desencontros do medieval com a pós-modernidade. Por fim, a análise do texto se refere ao conflito realismo e nominalismo da escolástica, a ciência nascente de Roger Bacon e a teoria da causalidade aristotélica.

Reforçamos a ideia de que o estudo da filosofia medieval não é de fácil compreensão para os iniciantes de filosofia nem mesmo para os professores da área. Diante disso, a análise do texto literário, como feito nesta pesquisa, em busca de suas raízes filosóficas, pode revelar-se como uma habilidade de descobrir textos através do texto, levando o estudioso às infinitas cadeias da intertextualidade



filosófica. Ademais, o texto literário, como *O nome da rosa*, que revisita a idade média sem ingenuidade, mas com ironia e criatividade, aparece como um texto brilhante para o ensino didático-pedagógico da filosofia.

2 O NOME DA ROSA E A FILOSOFIA

A obra é conhecida como romance histórico, romance policíesco, crônica medieval, mas também como romance filosófico. Este último aspecto se dá pela diversidade de ideias filosóficas do medievo expressas nos diálogos dos personagens da obra, acompanhados de uma forte intertextualidade e ironia que levam o texto literário ambientado na filosofia medieval a dialogar com filosofias de outras épocas como, por exemplo, a antiguidade grega e romana, a modernidade e a pós-modernidade¹. É nesse sentido que, segundo Piaia (2016):

[...] se reconhece a Umberto Eco o mérito indiscutível de ter, por assim dizer, desalfandegado o medievo junto ao grande público, colocando como base de seu romance não a arte ou a literatura em sentido estrito, mais sim o pensamento do medievo² (PIAIA, 2016, p. 108-109, tradução nossa).

O romance, portanto, faz uma série de referências a filósofos e teólogos medievais como Agostinho de Hipona, Pseudo Dionísio, Alan das Ilhas, Isidoro de Sevilha, Beato Lievano, Ugo de São Vito, Bernardo de Caravela, Joaquim da Fiori, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Boaventura, Roger Bacon, Roberto Grassatesta, Dante Alighieri, Marsílio de Padova, Guilherme de Ockham, Giovane Buridano e tantos outros. Apesar da diversidade de filósofos referenciados em toda a obra, nosso trabalho ocupa-se apenas daqueles presentes no texto em análise. Dessa forma, da idade média, estudaremos no texto o nominalismo de Guilherme de Ockham, a ideia do mundo como espelho de Alan das Ilhas e as referências a Buridano. Da modernidade, referenciaremos a semiótica de Charles Peirce. Assim, recorda que essas ideias do pensamento medieval, principalmente entre os séculos XIII e XV, são revisitadas por Eco não apenas como saudosismo, mas sim numa recriação verossímil caracterizada por diversos elementos da poesia pós-moderna, relacionando o conteúdo filosófico medieval com as ideias de diversas outras épocas da história da filosofia.

É nesse sentido que, segundo Piaia (2016), Eco se faz portador de uma poética pós-moderna, em que há uma obsessiva procura do novo e do moderno, mas, por outro lado, acerta em recuperar e

¹ “O ‘pós-moderno’ pressupõe também, continua Eco, uma concepção diferente do tempo e, conseqüentemente, um modo particular de significar o conceito de memória e de passado. Segundo a perspectiva da pós-modernidade de que não é mais possível projetar o futuro a partir do presente – projeção que na modernidade assumia muitas vezes traços utópicos e progressistas –, o retorno ao passado passa a ser viável, já que, depois da ruptura com a história e com a tradição feita pelas vanguardas do começo do século XX, não existe mais um limite a ser ultrapassado; em lugar dos ‘limites a serem vencidos’, o que há é uma pesquisa permanente em uma espécie de banco de dados ‘de estilos todos contemporâneos’ (JAMESON, 1996) que pode ser acessado a todo momento” (AGAZZI; VINCI, 2012, p. 84).

² [...] va riconosciuto a Umberto Eco [...] il merito indiscusso di avere, per così dire, ‘sdoganato’ il medioevo presso il grande pubblico, ponendo per di più al fondo del suo romanzo non l’arte o la letteratura in senso stretto, bensì il pensiero dell’età di mezzo [...].



combinar uma reciclagem do passado, de textos e fragmentos que pareciam ter perdido sua função. Esta ligação entre diversos períodos filosóficos com autores e ideias diferentes é capitada pelo leitor modelo³ que faz a ligação com diversos outros textos/contextos e perceberá a existência de outras filosofias antigas (Aristóteles), modernas, e contemporâneas (semiótica) nas entrelinhas dos diálogos criados por Eco. Portanto, é nesse hibridismo de voltar ao passado filosófico medieval com um olhar pós-moderno que o próprio Eco relata:

[...] eu queria escrever um romance histórico [...] não sei até que ponto fui fiel a esse propósito. Não creio ter deixado de cumpri-lo quando mascarava citações de autores posteriores (como Wittgenstein) fazendo-as passar por citações da época. Nesses casos, eu sabia muito bem que não eram os meus medievais que eram modernos, mas sim os modernos que pensavam como medievais. Pergunto-me se às vezes não emprestei aos meus personagens fictícios uma capacidade para, a partir dos disiecta membra de pensamentos puramente medievais, compor alguns unicórnios conceptuais que, enquanto tais, a Idade Média não reconheceria como seus (ECO, 2018a, p.558-559).

Nesta direção, *O nome da rosa* carrega uma forte ligação entre literatura e filosofia. Através da sua grande criatividade, Eco entrelaça uma série de ideias da filosofia medieval com outras épocas da história da filosofia, expressando também suas próprias opiniões, fazendo com que as linhas filosóficas evoluam e sejam interpretadas de acordo com as ideias do autor. Para ele, um romance histórico não deve somente detectar as causas no passado do desenvolvimento social atual, mas deve, de forma criativa, desenhar o processo de como essas causas se desenvolveram até a contemporaneidade.

Por conseguinte, ainda para Piaia (2016), *O nome da rosa* não é apenas um romance policíaco ambientado no medievo, mas antes de tudo um romance filosófico, elaborado com um olhar no século XIV e outro no século XX com suas filosofias e ideologias. Outro aspecto é que o autor elabora um texto em aberto⁴ a fim de que o leitor possa também acrescentar de acordo com sua passibilidade, as suas contribuições. Isso acontece principalmente através das veredas intertextuais, pois o romance de Eco em estudo aqui aparece como uma colcha de retalhos de outros textos filosóficos. Assim, o romance surge para o leitor modelo de Eco como um texto que será prazeroso e desafiador, uma máquina preguiçosa que será movida pela biblioteca, ou enciclopédia mundi, de ideias do leitor. Assim,

³ O leitor modelo é para Eco aquele capaz de dar saltos fora do texto reconstruindo o sentido do texto com toda sua cultura. É um fruidor, pois o texto é uma máquina preguiçosa que necessita da intervenção criativa do leitor para ser ativado. Para Bernardelli (2010), Eco apresenta diversos tipos de leituras tendo duas como principais: o leitor semântico e o leitor crítico. O leitor semântico elabora sua leitura aproveitando apenas a trama, do desenvolvimento narrativo da história. Por sua vez, o leitor crítico é aquele usuário ideal que se lança em busca de diversos sentidos textuais, de duplo codificações (de um double coding) do texto. O leitor crítico é evidentemente o que vai em busca de cadeias intertextuais.

⁴ “Eco propõe que em lugar da obra hermeticamente encerrada sobre si mesma, leia-se o que ele chama de romance-enciclopédia, cuja imagem de um saber aberto jamais poderá ser aceita como definitiva, porque os vários níveis de significação podem ser interpretados de incontáveis maneiras. A representação do mundo como uma multiplicidade ilimitada é móvel e sugere inesgotáveis saberes e linguagens e é, também, um mapeamento da vida de uma cultura, entendida como um intrincado de sistemas cujas significações são potencializadas pelas formas narrativas” (AGAZZI; VINCI, 2012, p. 97).



no romance de Eco há uma forte ligação entre medieval e o pós-moderno. No pós-escrito (ECO, 2018a), é evidenciada esta relação:

Se um personagem meu, comparando duas ideias medievais, tira delas uma terceira ideia mais moderna, está fazendo exatamente aquilo que a cultura fez depois, e se ninguém nunca escreveu aquilo que ele disse, é certo que alguém, mesmo de modo confuso, deveria começar a pensar nisso (ECO, 2018a, p.559).

Portanto, tentaremos identificar os textos que se referem às ideias filosóficas dentro da obra literária. Essa tarefa não é fácil, pois o que um autor interpreta de um jeito pode ser visto de outra forma por outro interpretante. Nesse sentido, Eco (2018a) afirma ter recebido diversas observações sobre partes do texto que seus leitores consideravam medievais, mas para ele eram atitudes contemporâneas.

Existem outras páginas em que o leitor saboreou como deliciosamente medievais certas atitudes que eu sentia como ilegitimamente modernas. E que cada um tem uma ideia própria, geralmente deturpada, da Idade Média. Só nós, monges daquela época, sabemos a verdade, mas, ao dizê-la, podemos ser queimados vivos (ECO, 2018a, p.559).

Por continuidade, quando fazemos o confronto do medieval com o moderno em relação às ideias filosóficas presentes em *O nome da rosa*, devemos estar cientes de que se trata de um texto literário e que “o romance é uma máquina de gerar interpretações” (ECO, 2018a, p.530), portanto, estamos no campo da verissimilitude e não no rigor propriamente da lógica formal filosófica. É nesse sentido que segundo Murry (1968), a escrita de um romancista, apesar de todas as suas analogias, é diversa em espécie do estilo filosófico, o romancista trabalha com material diferente e tem objetivos diferentes. Por exemplo, “um poeta trágico não é um filósofo pessimista, por mais que alguns críticos insistam em tratá-lo como tal” (MURRY, p. 41, 1968). Por fim, nosso delicado trabalho comparativo de encontrar as fontes filosóficas medievais no texto literário e fazê-las dialogar com filósofos de outras épocas é tido como um exercício parcial e sujeito a futuras revisões devido à complexidade do assunto.

3 O CAMINHO SEMIÓTICO TRICOTÔMICO E A SEMIÓTICA DA ABDUÇÃO DE FREI GUILHERME

Passamos agora a analisar um texto propriamente da obra envolvendo o episódio da chegada na abadia e do cavalo Brunello. O primeiro elemento a se constatar é a postura filosófica do personagem frei Guilherme de Baskerville, que com uma visão eclética observa todos os lados do caminho ao se aproximar da abadia; em seguida, apresenta uma série de interpretações do mundo, de Deus e da realidade. Acreditamos que o modo filosófico que o personagem interpreta os signos tenha base na semiótica de Peirce. Obviamente é o autor do texto que cria o modo de agir de seu personagem



medieval recriando seu modo de agir com ideias modernas. Eis, portanto, o primeiro excerto para análise:

Enquanto nossos mulos arrastavam-se pelo último cotovelo da montanha, lá onde o caminho principal se ramificava em trevo, dando origem a dois atalhos laterais, meu mestre deteve-se por algum tempo, olhando para os lados ao redor da estrada, para a estrada, e acima da estrada (ECO, 2018a, p.60).

O autor apresenta logo no início de seu texto um caminho que se deslança em três outras estradas, referente ao momento em que os personagens principais frei Guilherme e Adso de Melk aproximam-se da abadia, deixando claro que a via da interpretação semiótica pode ter pelo menos três interpretações diferentes. A própria figura do caminho já é simbólica e apresenta aquilo que se desenrola por toda obra como pedagogia semiótica, isto é, a evolução de Adso em interpretar símbolos com a tutoria de frei Guilherme. O caminho tricotômico é ainda uma referência à tríade do raciocínio proposta por Charles Peirce (2005), em que ele apresenta a tríade do raciocínio, a tríade na metafísica e a tríade na psicologia e que se repetirá em vários diálogos do romance, deixando claro que o texto pode ter vários caminhos de interpretações a depender do leitor.

Outro fato simbólico é a atitude filosófica de frei Guilherme que representa uma das características da filosofia de ser uma visão de conjunto, uma perspectiva panorâmica da realidade, por isso ele olha “para os lados ao redor da estrada, para a estrada, e acima da estrada” (ECO, 2018a, p.60); mais adiante, Adso diz ainda que seu mestre “era demasiado filósofo para minha mente adolescente” (ECO, 2018a, p.155) e que “tinha olhos agudos e penetrantes” (ECO, 2018a, p.155). Assim o texto lembra não apenas a capacidade filosófica de frei Guilherme, mas também suas habilidades investigativas, utilizando os métodos das novas ciências nascentes e podendo ser comparado com personagens como Sherlock Homes de Arthur Conan Doyle ou mesmo Dupin de Edgar Allan Poe. Desse modo, frei Guilherme representa o moderno que vai adentrar em uma abadia conservadora em vários aspectos; ele representa dentro outros, a nova ciência de Roger Bacon, as ideias da nova política de Marsílio de Padova e o nominalismo de Guilherme de Ockham.

Por outro lado, percebe-se que as ações e colocações de frei Guilherme são imbuídas do raciocínio e da metodologia da abdução de Charles Peirce. Este tipo de argumento, segundo Reale (2008), infere que para resolvermos fatos problemáticos precisamos criar uma hipótese, da qual se deduzam consequências, que possam ser verificadas indutivamente, ou seja, empiricamente. A metodologia da abdução evidencia que as crenças científicas são sempre falíveis, pois as provas empíricas podem desmentir as consequências das conjecturas. Assim, Eco vai alinhavando uma evolução interpretativa do símbolo que parte do medieval de Ockham até a semiótica de Pierce.



3.1 SEMIÓTICA E SEMIOSE: OS SIGNOS DE BRUNELLO

Dando continuidade à análise do texto em busca de representações filosóficas, apresentamos agora o famoso episódio do cavalo Brunello logo no início do romance em que frei Guilherme descreve as características do animal, por onde ele passou e onde se encontrava sem ao menos tê-lo visto, mas observando e analisando apenas sinais de tipo índices. Nesta perspectiva, segundo Viscarde (2011), a ideia principal do romance é que nada existe senão os signos, os quais não podem significar além de si mesmos, mas apenas as diferenças entre eles. O signo é absoluto, a palavra e ainda mais a escrita são equivalentes à mentira “a semiótica é, em princípio, a disciplina que estuda tudo quanto possa ser usado para mentir” Eco (2018b, p.4) e isto é aceito porque seja quem ler, seja quem escreve, é consciente da margem de mentira possível em um texto, e este ponto se torna agradável, um jogo convivido, pois “se algo não pode ser usado para mentir, então também não pode ser usado para dizer a verdade” Eco (2018b, p.4).

Prosseguindo, uma vez que esta análise busca a relação do texto com Peirce (2005), vejamos como este representa os elementos básicos da semiótica, em que a intermediação entre signo e coisas necessita sempre de um interpretante. Além disso, a relação entre ideia, signo e coisa, isto é, o triângulo semiótico passa a ser uma semiose ilimitada: “um sinal tal somente se é interpretado com outro signo, um interpretante” (PENCO, 2006, p. 41). Por fim, Pierce realiza uma classificação dos signos da seguinte forma: semelhança do tipo ícone; causalidade do tipo índice; e arbitrário do tipo símbolo.

Para nossa análise do texto, os sinais de tipo índice são os primeiros a gerar uma análise do interpretante, pois foi observando estes sinais no caminho que frei Guilherme tirou suas primeiras conclusões: “meu mestre deteve-se por algum tempo, olhando (...), onde uma série de pinheiros sempre-verdes formava por um breve espaço um teto natural, alvo de neve”. (ECO, 2018a, p.60). Após o olhar atento onde a estrada se fazia em trevo, Guilherme analisa uma série de sinais de tipo índices deixados por um cavalo, são eles: “marcas dos cascos de um cavalo”, “ramos quebrados”, “entre os espinhos longas crinas negras”, “cascos pequenos e redondos”, “o galope bastante regular”, “ele não corria desordenadamente como faz um animal desembestado” (ECO, 2018a, p.60). Estes sinais são percebidos apenas por frei Guilherme que é um interpretante capaz de detectar os signos, seu ajudante Adso, ainda não iniciado nas teorias de interpretações simbólicas, não consegue ver nada disso, reforçando a teoria de Peirce de que um sinal depende sempre do interpretante. Em seguida, percebem-se as primeiras hipóteses de frei Guilherme:

Abadia rica, disse. Ao Abade agrada parecer bem nas ocasiões públicas. Habitado que estava a ouvi-lo fazer as mais singulares afirmações, não o interroguei. Mesmo porque, após mais um trecho de estrada, ouvimos rumores, e numa curva apareceu um agitado punhado de monges e de fâmulos. Um deles, quando nos visse, veio ao nosso encontro com grande urbanidade: Bem-vindo, senhor, disse, e não vos admireis se advinheis quem sois, porque fomos advertidos da vossa visita. Eu sou Remígio de Varagine, o celeiro do mosteiro. E se vós sois, como creio, frei Guilherme de Baskerville, o Abade precisaria ser avisado. Tu, ordenou voltando-se para



alguém do séquito, sobe para avisar que o nosso visitante está para adentrar os muros (ECO, 2018a, p.60).

Logo em seguida à análise e constatação dos sinais indicativos sobre o cavalo, frei Guilherme é capaz ainda de fazer uma análise social da abadia e do abade, pois conclui que a abadia é rica sem conhecê-la ainda e que o abade é vaidoso sem jamais tê-lo visto. Neste momento, frei Guilherme tem apenas hipóteses elaboradas pelo método da abdução de Pierce que será colocado à prova quando adentrar e permanecer na abadia por sete dias. Os sinais deixados pelo animal levaram Guilherme a formar duas hipóteses: a primeira, a existência de um cavalo com suas excelentes qualidades, depois a riqueza da abadia e a luxúria do abade, lançando um dos temas mais polêmicos da obra que é a pobreza de Cristo e a riqueza de sua igreja.

Prosseguindo, o signo em si pode ser absoluto, mas a função do interpretante é fundamental, pois enquanto frei Guilherme conhecia as qualidades do cavalo e a riqueza da abadia apenas através dos sinais indicativos deixados pelo cavalo, seu secretário Adso não conseguia interpretar nada, e oscilando entre apocalíptico e integrado apenas exclama: “habitado como estava a ouvi-lo fazer as mais singulares afirmações, não o interroguei” (ECO, 2018a, p.60). Portanto, os sinais estão apenas para quem tem a capacidade de interpretá-los. Numa referência à teoria da abdução de Pierce podemos elaborar a seguinte análise:

Frei Guilherme observa surpreso um fato C: os diversos índices de um animal fujão deixado ao longo do caminho.

Mas, se A fosse verdadeiro – hipótese (o animal possui diversas qualidades, a abadia é rica e o abade é vaidoso); C seria natural.

Há, portanto, razão de suspeitar que A seja verdadeiro. A veracidade de A vai sendo confirmada de acordo com a conversa que frei Guilherme vai desenvolvendo com Remígio, que procurava o cavalo.

O mundo na visão de frei Guilherme são sinais que devem ser interpretados, por isso, ele percebe que o grupo de monges guiados pelo celeiro Remígio não vinha a seu encontro, mas buscava um cavalo “Agradeço-vos, senhor despenseiro (...), e tanto mais aprecio a vossa cortesia quanto para me saudar haveis interrompido a perseguição” (ECO, 2018a, p.60). A análise de frei Guilherme o leva a estar sempre um passo à frente na interpretação do mundo, portanto, os monges que procuram Brunello representam uma mentalidade ultrapassada, assustada, apocalíptica. Como Adso, não são interpretantes capazes de ler os signos de tipo índice deixados por um animal na natureza. Essa mentalidade dogmática contrapõe-se à metodologia da nova ciência adotada como metodologia por frei Guilherme que, prosseguindo, afirma:



Mas não receeis, o cavalo passou por aqui e dirigiu-se para o atalho da direita. Não poderá ir muito longe, porque chegando ao depósito do estrume precisa deter-se. É inteligente demais para lançar-se escarpa abaixo (ECO, 2018a, p.60).

A capacidade de ler os índices dá à frei Guilherme o poder de quase adivinhar a localização geográfica do animal. Admirados com a quase mágica de frei Guilherme, perguntou o celeiro: “Quando o haveis visto”? (ECO, 2018a, p.60). A pergunta do celeiro é fundamental para a tentativa de êxito das hipóteses (ideias) de frei Guilherme, este possui um poder superior de descrever o que ainda não viu e de fato afirma:

Na realidade não o vimos, não é Adso?, disse Guilherme voltando-se para mim com ar divertido. Mas se estais à procura de Brunello, o animal não pode estar senão onde eu disse. O celeiro hesitou. Fitou Guilherme, em seguida o atalho, e por fim perguntou: Brunello? Como sabeis? (ECO, 2018a, p.61).

Por fim, as qualidades interpretativas de frei Guilherme ultrapassam qualquer expectativa dos presentes, pois ele não apenas descreve o cavalo, sabe onde ele está, mas cria uma hipótese, e ousa dizer o seu nome causando espanto geral ao seu redor. Ao criar a hipótese do nome do cavalo, ele ultrapassa a simples leituras de sinais do tipo índice e adentra em especulações mais complexas. Refere-se, por exemplo, à teoria nominalista e usa de toda sua enciclopédia cultural para inferir uma suposição que analisaremos a seguir.

4 O NOMINALISMO E O NOME DA ROSA

A teoria nominalista é muitas vezes apresentada nos diálogos da obra. O hexâmetro final “stat rosa pristina nomine, nomina nuda tenemus⁵” (ECO, 2018a, p.527), por exemplo, ficou conhecido por referir-se a uma das teorias mais importantes do final da escolástica e início da filosofia moderna, isto é, o nominalismo de Guilherme de Ockham (1280-1349). Este é referenciado diversas vezes pelo personagem frei Guilherme e também citado por Eco no seu Pós-escrito O nome da rosa, em que o autor afirma que encontrou “confortos racionais pedidos a Ockham, para compreender os mistérios do Signo, nos pontos em que Saussure ainda é obscuro” (ECO, 2018a, p.535). De forma resumida, o nominalismo consiste em dizer que “o universal não é real, os universais são nomes, não uma realidade, nem algo com fundamento na realidade. A realidade é essencialmente individual” (REALE; ANTISERI, 2011, p.300). Voltando ao texto, vejamos a dinâmica da interpretação do protagonista para inferir o nome de Brunello e a influência da teoria nominalista:

Vamos, disse Guilherme, é evidente que andais à procura de Brunello, o cavalo favorito do Abade, o melhor galopador da vossa escuderia, de pelo preto, cinco pés de altura, cauda suntuosa, de casco pequeno e redondo mas de galope bastante regular; cabeça diminuta, orelhas finas e olhos grandes. Foi para a direita, estou vos dizendo, e apressai-vos, em todo caso (ECO, 2018a, p.61).

⁵ A rosa antiga estar no nome, temos apenas os nomes.



Nesse sentido, o jogo interpretativo entre os signos de tipo índice e a interpretação de frei Guilherme em descobrir o cavalo e o nome do cavalo representa a primeira referência ao nominalismo⁶ em contraposição à teoria realista dos universais⁷. Ele passa de uma leitura de tipo índice e entra no mundo simbólico convencional dos nomes. O animal é um cavalo, isto é, apenas um nome, não um conceito universal real e entre os cavalos tem o nome de Brunello que se refere a um determinado animal (realidade individual). Frei Guilherme confirma sua primeira hipótese: os signos indiciais são de um cavalo que é o “nome mais genérico e abstrato, porque se refere a todos os animais que podem ser indicados pela forma geral daquele conceito” (REALE; ANTISERI, 2011, p.300). Por fim, o convite à afirmação e à participação de Adso funciona como uma pedagogia em que o mestre quer passar para o discípulo suas habilidades, suas capacidades de ler os signos em geral.

Mas frei Guilherme vai além e tenta provar sua segunda hipótese que é acertar o nome do determinado cavalo. O celeiro fica espantado quando Guilherme pronuncia o nome de Brunello, tal espanto já confirma que a hipótese do nome é assertiva. O processo na descoberta do nome é tão importante que Guilherme explica três vezes: uma para os monges duas para Adso, prosseguindo a pedagogia de introduzir seu discípulo no difícil mundo da interpretação dos signos. Ao final, apenas Adso que permanece com ele, vai aprendendo aos poucos as teorias dos sinais, dos nomes, do nominalismo, da teoria mundo. Adso registra ainda o ar lúdico (irônico) de frei Guilherme indicando outro tema polêmico que é a teoria sobre o riso e o segundo livro da poética de Aristóteles, que perpassa toda a obra.

A terceira hipótese é confirmar uma série de qualidades que frei Guilherme havia imaginado do cavalo por meio dos sinais observados, isto é, uma explicação do individual através da análise empírica. Toda essa descrição presente no texto parte da interpretação dos signos tipo índices que leva frei Guilherme ao mundo arbitrário dos nomes, mas estes, seja genérico como “cavalo” ou determinado como “Brunello”, jamais são universais ante rem (antes das coisas), como queriam os realistas. Eles são qualidades empíricas e concretas de uma coisa ou ser individual.

5 BURIDANO E A ENCICLOPÉDIA MUNDI

Após a explicação dada ao celeiro da abadia, frei Guilherme é obrigado a dar mais uma declaração do seu método investigativo, agora para seu discípulo Adso que é o segundo a perguntar sobre o nome do cavalo. Na explanação, frei Guilherme dá um salto fora do habitual comportamento

⁶ Existiam variações de nominalistas dos mais radicais aos moderados. De modo geral para o nominalismo “O universal seria puro nome que designa uma multiplicidade de indivíduos [...] não existe nenhuma ligação substancial entre as palavras/conceitos e as coisas [...] Não apenas não tem um status ontológico, mas também não tem um status logico fundativo da palavra” (REALE; ANTISERI, 2011, p.166, 169).

⁷ Também há dos mais extremistas aos moderados. Os realistas “afirmam que os universais existem em si, como ideias platônicas, ou seja, ante rem, antes das coisas. Assim como as ideias arquetípos são modelo da realidade, o conhecimento delas é indiretamente o conhecimento da realidade” (REALE; ANTISERI, 2011, p.166).



semiótico e faz uso do imaginário comum da época para criar a hipótese do nome Brunello, de fato, na explicação especial para Adso, ele afirma:

Está bem, disse, mas por que Brunello? Que o Espírito Santo te dê mais esperteza que tens, meu filho!, exclamou o mestre. Que outro nome lhe darias se até mesmo o grande Buridano, que está para tornar-se reitor em Paris, precisando falar de um belo cavalo, não encontrou nome mais natural? (ECO, 2018a, p.62).

Não basta apenas a teoria nominalista, frei Guilherme faz uso de uma de suas habilidades que é o conhecimento enciclopédico de uma cultura, considerando em sua interpretação as contribuições de Buridano⁸ e de Alan das Ilhas, para ajudar nas conclusões de suas hipóteses. A relação com a enciclopédia cultural se dá também de modo triádico, seguindo a teoria de Peirce, isto é, os dois polos sógnicos ou textuais que dialogam com um signo ausente que é a enciclopédia cultural. Frei Guilherme interpreta não apenas os sinais de tipo índices deixados pelo animal na natureza como também seus signos convencionais (nomes). Agora como leitor (interpretante) modelo de signos de uma semiótica ilimitada, ele é capaz de ligar os signos convencionais à enciclopédia cultural. É nesse sentido que para Bernardelli (2010), toda palavra que usamos está associada a tudo que sabemos sobre aquele argumento, potencialmente a partir de tal palavra podemos invocar uma infinita sequência de palavras, conceitos, ideias e questões. É fundamentalmente essa a atitude de frei Guilherme quando se utiliza de um conjunto de ideias comuns ao cenário da época sobre um cavalo hipotético para inferir o nome Brunello. Assim, toda singular palavra ou signo nos remete potencialmente a um inteiro universo de sentido que Eco (1991) entende como enciclopédia, para ele a (enciclopédia mundo) pode ser entendida da seguinte forma:

A enciclopédia é um postulado semiótico [...]: ela é o conjunto registrado de todas as interpretações, concebíveis objetivamente como a biblioteca das bibliotecas, onde uma biblioteca é também um arquivo de toda a informação não verbal de algum modo registrada, das pinturas rupestres às cinematecas. Mas deve permanecer um postulado porquê de fato não é descritível na sua totalidade (ECO, 1991, p. 85).

Dessa forma, frei Guilherme interpreta os sinais de tipo índice, mas para dar razões de suas hipóteses é obrigado a levar em consideração seu conhecimento enciclopédico, isto é, fazer ligações com a cultura da época. O nome Brunello fazia parte do imaginário comum, pois era o nome famoso usado pelas autoridades como Buridano, reitor da universidade de Paris, para seu cavalo. Por fim, o que tem frei Guilherme antes de ver o cavalo de carne e osso são hipóteses, mas no desenrolar dos atos suas hipóteses vão se confirmando ou não. Assim, ele vai mais fundo no seu conhecimento

⁸ Jean Buridano (1300-1358) nasceu em Béthune na França. Foi um religioso e filósofo e desenvolveu ainda trabalhos no campo da física. Considerado um dos grandes estudiosos que viveu no final da idade média apesar de que hoje suas obras são quase desconhecidas. Desenvolveu e popularizou a teoria do Ímpeto, que explicava o movimento de projéteis e objetos em queda livre. Posteriormente essa teoria abriu caminho para as pesquisas de Galileu e para as pesquisas do princípio da inércia, da física newtoniana.



enciclopédico e cita outro modo de inferir o nome citando Alan das Ilhas e sua visão de mundo como livro ou espelho.

6 ALAN DAS ILHAS E O MUNDO COMO UM LIVRO OU ESPELHO

Ainda fazendo uso de sua vasta cultura, sendo indagado mais uma vez por Adso, frei Guilherme explica suas descobertas sobre Brunello fazendo uma ligação com outras ideias também comuns naquela época de Alan das Ilhas⁹ sobre as analogias que representam o mundo como um livro ou espelho:

E agora disse-me, não pude me controlar, por fim, como conseguistes saber tudo isso? Meu bom Adso, disse meu mestre, durante toda a viagem tenho te ensinado a reconhecer os traços com que nos fala o mundo como um grande livro. Alano das Ilhas dizia que *omnis mundi creatura quasi liber et pictura nobis est in speculum*¹⁰ e pensava na inexaurível reserva de símbolos com que Deus, através das suas criaturas, nos fala da vida eterna (ECO, 2018a, p. 61,62).

A ideia do mundo como um grande livro ou um espelho é apresentado por Eco em diversas partes da obra. Do texto apresentado aqui podemos encontrar três vertentes de interpretação: o mundo como um grande livro; o mundo como um espelho; e o mundo como uma causa primeira em referência à teoria da causalidade aristotélica.

6.1 O MUNDO COMO UM GRANDE LIVRO

A interpretação do mundo como um grande livro exige a capacidade interpretativa do leitor. Para Bernardelli (2010), cada indivíduo singular possui a enciclopédia da própria cultura e do próprio tempo de forma diversa uns dos outros. Alguma porção da enciclopédia será possuída por todos – como por exemplo o nome Brunello era como um fetiche bem popular por ser o nome de bons cavalos das autoridades: “um monge que considera um cavalo excelente (...), não pode deixar de o ver como as autoridades lhe descreveram” (ECO, 2018a, p.95) – outras partes serão competências mais técnicas e específicas – por exemplo, a ampla visão de frei Guilherme de interpretar os fatos pelas suas competências especializadas, recorrendo às analogias propostas por Alan das Ilhas; habilidades ainda inacessíveis ao seu discípulo Adso.

Surge, neste contexto, um confronto comparativo do medieval com a modernidade – não com a pós-modernidade diretamente –; ao final da escolástica os medievais viam o mundo como um conjunto de signos rizomas. Por sua vez, a modernidade eurocêntrica buscou uma explicação única e totalitária para as diversidades da natureza, do homem e da existência principalmente confundindo a

⁹ Alan das Ilhas - latim: Alanus ab Insulis - (1120 - 1203) - foi considerado doutor universal Doctor Universalis pela sua grande cultura teológica e humanista. Autor de numerosíssimas obras doutrinárias em forma de poesia. O texto aqui citado por Eco encontra-se na obra *De incarnatione Christi - rhythmus perelegans*.

¹⁰ Toda criação do mundo, como um livro ou uma pintura, é como um espelho para nós.



razão com a razão unicamente técnico-científica (criando explicações universais, racionalismo, empirismo, positivismo, iluminismo, socialismo, capitalismo) e desprezando o passado para privilegiar o ideal do novo e do progresso.

Mas a pós-modernidade, ou parte dela, procura rever as ideias da modernidade a fim de revalorizar o passado para construir o futuro sem partir apenas do presente. Nessa perspectiva, segundo Agazzi e Vince (2012), Eco registra a impossibilidade para os contemporâneos de descrever o mundo mediante um modelo único e de alcançar um saber perfeito e conclusivo, por isso, a pós-modernidade cria novos símbolos como o espelho (possibilidade de múltiplos reflexos interpretativos), o labirinto (inexistência de mapas e fios condutores certos), a torre de Babel (diversidade de línguas, culturas sem conexões arbitrárias). Todos são símbolos retomados na pós-modernidade que tentam evitar interpretações e teorias unilaterais da modernidade e em muitos aspectos são analogamente parecidos com o labirinto de rizomas do século XIV. Estes símbolos falam da diversidade, do saber não concluído, da história diferente de um progresso contínuo. Assim, do ponto de vista da interpretação analógica e dos símbolos, a pós-modernidade encontra-se em um ambiente parecido com aquele do fim da idade média como aquele contexto ambientado no romance. Finalizando, segundo Guimaraes (1988), o contexto ambientado em *O nome da rosa* enfatiza implicitamente as ligações entre o século XIV e o presente, uma vez que as duas épocas vivem igualmente uma mudança de época. Essa volta ao passado para se comparar com o presente é característica do dialogismo literário e valoriza a leitura como uma síntese dialética.

6.2 O MUNDO COMO ESPELHO

O espelho usado como metáfora está presente em várias partes do romance. No prólogo da obra, aparece a frase “videmos nunc per speculum et in aenigmate ¹¹” (ECO 2018a, p.49), em uma referência à carta de Paulo aos Coríntios – 1Cor 13,12: “videmus enim nunc per speculum in aenigmate ¹²”. Sucessivos diálogos envolvendo os espelhos como reflexo de diversas interpretações ocorrem na obra; enfatizaremos o episódio envolvendo o texto que referencia Alan das Ilhas, mas fazendo comentários a outros textos envolvendo a analogia do reflexo dos espelhos.

A apresentação do mundo como um espelho a ser interpretado está diretamente influenciada pela filosofia e pela teologia dos escolásticos com seus embates entre interpretações alegóricas e simbólicas do mundo, de Deus e das escrituras. O primeiro passo, segundo Eco (2018a, p.155), “para que haja espelho do mundo é preciso que o mundo tenha uma forma” que será interpretada pela inteligência humana, criando uma visão de mundo ou ideologia representativa. Em *O nome da rosa*, as interpretações semióticas de frei Guilherme travam um embate de poder através das leituras dos

¹¹ Vemos apenas por espelhos e enigmas.

¹² Porque agora vemos por espelhos em enigmas.



símbolos, pois é a leitura da forma que norteia a visão de mundo da época, neste caso, fim da idade média. Para Soares (2010), o espelho é naturalmente visto como alegoria dos mecanismos miméticos da literatura, símbolo pleno de cargas semânticas específicas. O texto seguinte sobre a luta entre os grupos sectários mostra que a analogia do espelho representa uma moralidade social e teológica influenciando diretamente na vida das pessoas:

E os que mataram os penitentes enlouquecidos, restituindo morte a morte, para derrotar a verdadeira penitência, que produzia morte, substituíram à penitência da alma uma penitência da imaginação, um apelo a visões sobrenaturais de sofrimento e de sangue, denominando-as 'espelho' da verdadeira penitência. Um espelho que faz viver em vida, na imaginação dos simples, e às vezes também dos doutos, os tormentos do inferno. A fim de que – como dizem – ninguém peque. Esperando arrancar as almas do pecado por meio do medo e confiando em substituir à rebelião o medo (ECO, 2018a, p.155).

Com isso, o poder prático da interpretação do símbolo se transforma em poder social e espiritual estruturado em códigos e em luta com outras interpretações. Quem podia fazer a interpretação correta dos símbolos no ambiente do romance? Apenas a autoridade eclesiástica, se deveria descobrir apenas o já dito, porém, frei Guilherme expõe sua novidade porque ensina Adso e outros a interpretar o mundo por si mesmo, mostrando que “a autoridade tem nariz de cera” (ECO, 1991, p.231) e que a tradição que detém o poder de interpretar símbolos é um mútuo de coerção. A leitura analógica, segundo Eco (1991), ultrapassa o mundo das escrituras e passa a valer para interpretar o mundo real. Segundo a tradição neoplatônica, a realidade emana do Um que apresenta traços de sua origem na realidade. Resultado disso são pelo menos duas formas de interpretações simbólicas universais, uma baseada na analogia do ente, em que o mundo é um efeito de sua causa primeira, apresentando um simbolismo metafísico. A outra, atribuída a Alan das Ilhas é uma interpretação mais simplória fortemente analógica e similar, em que tudo reflete uma imagem do criador. Este tipo de simbolismo, principalmente dos bestiários, apresenta o símbolo de forma aberta, o leão pode ser analogicamente interpretado como símbolo de cristo (do bem) ou do diabo (mal). As letras e o mundo apresentam-nos diversas formas de interpretações; o importante é estarmos em torno deles para interpretar os símbolos. Por fim, fica a questão de quem interpreta o símbolo e a melhor interpretação é a que detém o poder.

Por conseguinte, a vida seria também uma semiose ilimitada em que se entende ou se explica um símbolo sempre através de outro símbolo. Ler os traços desse mundo seria a tarefa do homem medieval, mas nem todos eram preparados. Adso, por exemplo, precisa ser iniciado nessa tarefa. No livro, existe basicamente uma pedagogia da interpretação dos espelhos que em Eco (1995) são espelhos deformantes e que exigirão uma interpretação cuidadosa do leitor. Eles são como trépolas para entrada na biblioteca que, deformados, assustam aos desavisados. O mundo é como um espelho, mas a imagem apresentada depende sempre da interpretação e da capacidade do interpretante.

Realmente engenhoso. Um espelho! Um espelho? Sim, meu bravo guerreiro. A pouco no scriptorium, te atiraste corajosamente sobre um inimigo verdadeiro, e agora assusta-te diante



da tua imagem. Um espelho, que devolve a tua imagem aumentada e distorcida (ECO, 2018a, p.205).

Segundo Soares (2010), é possível fazer um confronto entre a explicação de espelho por Eco e por Jorge Luiz Borges. Em Eco, a teorização é feita em seu ensaio “Sobre os espelhos”. A primeira coisa é saber que temos um espelho em nossa frente, no caso de Adso ele não sabia nem que tinha um espelho e se sente tomado pelo pânico de sua sombra. Há uma oposição entre a arquitetura das duas bibliotecas e a exibição de seus espelhos; em *O nome da rosa* Guglielmo e Adso se deparam com um espelho deformante. Em contrapartida, no saguão da Biblioteca de Babel, de Borges, o reflexo do espelho duplica fielmente as aparências. Com isso, Eco enfatiza o espírito do tempo da pós-modernidade em relação ao fim da idade média como um mundo que se afasta das grandes narrativas e percebe a naturalidade de viver em um labirinto de rizomas de espelhos deformados.

6.3 REALISMO, NOMINALISMO E CAUSALIDADE

O texto que se segue com as palavras de frei Guilherme apresenta mais uma série de teorias filosóficas imbuídas no discurso. De um lado, representa a teoria da causalidade de Aristóteles na qual Deus aparece como causa final e motor imóvel, levando a uma leitura realista da existência em que cada signo tem uma causa. Por outro, a segunda parte do texto representa as novas interpretações da ciência nascente com Roger Bacon, Ockham e outros. Estes enfatizam o individual e o experimental no processo do conhecimento com forte crítica à teoria dos universais:

Mas o universo é ainda mais loquaz do que pensava Alano e não só fala das coisas derradeiras (caso em que o faz sempre de modo obscuramente), mas também das próximas, e nisto é claríssimo. Quase me envergonho de repetir aquilo que devias saber (ECO, 2018a, p.62).

A referência às coisas últimas desemboca na teoria da causalidade aristotélica. Para entender esta teoria e sua relação com o texto, façamos um pequeno resumo do seu significado. Segundo Aristóteles, a metafísica poderia ser definida como a ciência que indaga sobre as causas supremas (etiologia) e a ciência que estuda o ser enquanto ser (ousiologia), ou seja, as substâncias sensíveis e suprassensíveis. Na filosofia aristotélica, deus é eterno e imutável, é ainda “um princípio absolutamente primeiro e absolutamente imóvel, do qual deriva o movimento de todo o universo” (REALE; ANTISERI 2011, p.202). O conjunto de símbolos da natureza pode levar à leitura de suas causas mais distantes como a existência de um princípio. Essa forma de interpretar o mundo era mais acessível para Guilherme, mas não para Adso ou público em geral, por isso, ele acha que essa forma de entender o mundo é obscura.

Mas, logo em seguida, frei Guilherme expõe que existem também as causas próximas, sensíveis, empíricas demonstrando um jeito de interpretar o mundo baseado na ciência nascente que com Francis Bacon e Ockham expressa os primeiros passos do conhecimento empírico dos



franciscanos ingleses falando das coisas próximas com clareza. Para Roger Bacon, por exemplo, “a verdade deve ser encontrada pelo caminho da experiência e o conhecimento da natureza depende do uso da matemática” (REALE; ANTISERI 2011, p.274). Por sua vez, Ockham interpreta o mundo “como conjunto de elementos individuais, sem nenhum laço verdadeiro entre si e não ordenáveis em termos de natureza e essência” (REALE; ANTISERI 2011, p.299), o que ficou conhecido como navalha de Ockham, pois percebe que o objeto próprio da ciência é constituído pelo individual. O conhecimento intuitivo se refere à existência dos seres concretos e por isso se move na esfera da contingência, porque atesta a existência ou não de uma realidade. Só conhecemos das coisas as qualidades ou os acidentes que a experiência revela.

Assim, frei Guilherme apresenta duas habilidades de interpretar o mundo que estavam em confronto naquela realidade, uma aristotélica-metafísica e outra empírica-científica nominalista. O personagem então começa a expor suas ideias de homem moderno adepto da nova ciência, mas ainda sem desconsiderar uma causa primeira do universo.

7 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou um estudo bibliográfico da presença da filosofia na obra *O nome da rosa*. Devido à amplitude da obra e às variedades de filosofias, analisamos apenas um excerto da obra referente à chegada da abadia e o episódio do cavalo Brunello. Dessa forma, constatou-se uma profunda relação da obra com a filosofia medieval em particular, mas também com outras fontes filosóficas, por isso, nosso primeiro tópico demonstrou que a obra não é apenas uma referência a aspectos da cultura medieval, mas que sua estrutura é fundamentada na filosofia medieval revisitada por Eco com elementos teóricos da pós- modernidade.

A relevância deste estudo consiste em analisar um excerto da obra que serve como um recorte do que poderá ser feito com o restante da obra, ou seja, detectar as correntes filosóficas no intertexto e realizar as devidas considerações e ligações com filosofias fora do medievo. Outras relevâncias são didático-pedagógicas ao ensino de filosofia, pois este caminho de análise do texto literário numa perspectiva filosófica pode ser refeito na prática de sala de aula levando o aprendizado da filosofia por meio do texto literário. Uma vez que os textos filosóficos apresentam uma rigidez lógica e vocabulário mais especificado, o texto literário, sendo analisado na sua verissimilitude, pode ser um instrumento para se aproximar de filosofias complexas como a filosofia medieval.

Ao verificar o texto, foi demonstrada uma influência da semiótica de Charles Peirce no método de análise dos signos realizado pelo personagem frei Guilherme. Encontrou-se ainda a presença do nominalismo de Guilherme de Ockham na compreensão do sentido dos nomes no contexto do medievo. O texto mostrou ainda que o personagem faz referência a Buridano usando de seus conhecimentos enciclopédicos para manejar o uso de suas hipóteses sobre Brunello. Em seguida, o



texto possibilitou mostrar que o personagem frei Guilherme fez uso de sua enciclopédia cultural para se referir a Alan das Ilhas com a teoria do mundo como um grande livro e como espelho e demonstrando ligações da estética medieval com a poética pós-moderna. Verificou-se ainda que o texto deixa nas entrelinhas uma luta entre realismo e nominalismo, como também uma referência à teoria da causalidade de Aristóteles. Frei Guilherme faz uso de todas essas correntes filosóficas em seu discurso, mas vai optando sempre pelo nominalismo e pelas metodologias de análise da nova ciência nascente com Roger Bacon e Guilherme Ockham.

Por fim, acreditamos contribuir para a descoberta de teorias filosóficas dentro da obra *O nome da rosa*. Essa forma de leitura pode contribuir igualmente para o ensino da filosofia, partindo do ambiente literário como uma ferramenta acessível às teorias filosóficas. Devido à complexidade do texto, detectamos apenas as filosofias mais explícitas sendo que esta pesquisa continua em aberto, podendo ser considerados outros filósofos e outras interpretações, a depender da perspectiva do pesquisador.



REFERÊNCIAS

- AGAZZI, Giselle. L; VINCI, Maria. G. O labirinto do mundo: intertextualidade e pós-modernismo em O nome da rosa de Umberto Eco. *Literatura em debate*, São Paulo, v.6, n 11, p. 80-98, dez. 2012.
- BAUSI, Francesco. I due medioevi del nome della rosa. *Semicerchio*, Firenze, n.44, p. 117-129, jan 2011.
- BIBLIA. N. T. Primeira coríntios. In. Bíblia. Latin. *Bibliorum Sacrorum: Nova Vulgata*. Roma: Editrice Vaticana, 1986. p. 2152.
- ECO, Umberto. O nome da rosa. Tradução de Aurora F. Bernardini e Homero Freitas de Andrade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018a.
- Pós-escrito a O nome da rosa. Tradução de Aurora F. Bernardini e Homero Freitas de Andrade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018b.
- Semiótica e filosofia da linguagem. Tradução de Mariarosaria Fabris e José Luíz Fiorin. São Paulo: Ática, 1991.
- Tratado geral de semiótica. 5ª ed. Tradução de Antônio de Pádua Danesi e Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2018b.
- GUIMARÃES, D. A. D. A idade média revisitada por Eco. *Revista Letras*. Curitiba. v.37, p. 1-16, 1988. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19238/12530>>. Acesso em: 05 mai. 2020.
- JAMESON, Fredric. Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996.
- MURRAY, J. Edward. Motivação e emoção. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PIAIA, Gregorio. Il nome della Rosa di Umberto eco e la storia della filosofia medievale. *Revista Espanola de Filosofia Medieval*. Barcelona, v.23, p. 107-112, 2016. Disponível em: < <https://www.uco.es/ucopress/ojs/index.php/refime/article/view/8972/8471> >. Acesso em: 31 jan. 2020.
- PENCO, Carlo. Introdução à filosofia da linguagem. Tradução de Efraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. História da filosofia: patrística e escolástica. Tradução de Ivo Storniolo. 4a ed. São Paulo: Paulus, 2011, Vol.2.
- VISCARDI, Barbara. Umberto Eco e il pos-modernismo. *Conscienza*. v. 1, p. 27-31, 2011. Disponível em: < <http://www.meic.net/allegati/files/2011/03/16986.pdf> >. Acesso: 02 fev. 2020.